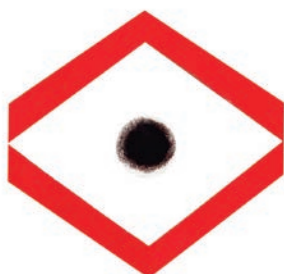




IRMA S DA SILVA

GABRIELA ROMEU
ANABELLA LÓPEZ

 Peirópolis



Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)
de acordo com ISBD

R763i Romeu, Gabriela
Irmãs da chuva: Livro do estudante / Livro do
professor / Gabriela Romeu ; ilustrado por Anabella
Lopez. – 2. ed. – São Paulo : Peirópolis, 2021
88 p. ; 20,5cm x 27,5cm.

ISBN: 978-65-5931-102-6 (Livro do estudante)

ISBN: 978-65-5931-097-5 (Livro do professor)

1. Literatura infantojuvenil. 2. Conto de fadas brasileiro. 3.
Sertão. 4. Cultura popular. I. Lopez, Anabella. II. Título.

	CDD 028.5
2021-4745	CDU 82-93

Elaborado por Vagner Rodolfo da Silva – CRB-8/9410

Índice para catálogo sistemático:

1. Literatura infantojuvenil 028.5
2. Literatura infantojuvenil 82-93

2021, 2ª edição



Assista ao vídeo tutorial:

<https://www.editorapeiropolis.com.br/pnld2023/aluno-irmas-da-chuva>

Para minhas ancestrais, em especial minha avó
materna, Gabriela Terra, que me ensinou
saberes de chãos e águas. G.R.



Para Laurita, minha querida amiga,
irmã da chuva, irmã do sol. A.L.



GABRIELA RONCU * ANABELLA LOPEZ

IRMÃS
CHINA

PREFÁCIO

Você já foi pra Tururu do Sul?

Lá tem relógio parado, galos desregulados, canto em dupla no alto do cruzeiro, rio que não dá mais peixe, cantiga que rima pra todos os santos, sombrinhas de laranjas escaldantes, barra de sabão no telhado, uma sábia madrinha, mais uma porção de valorosa gente sertaneja e... duas heroínas que não vou dizer quem são.

Sei porque estive lá, enquanto acompanhava, sem desgrudar das páginas, o desenrolar da fala mansa e encantada da Gabriela Romeu, encadeando ecos do povo do sertão brasileiro, tintim por tintim, com a graça e o afeto que só ela sabe compor.

Fui sentindo o cheiro da terra molhada, lembrando da boniteza de casinhas miúdas com latas de flores na janela, dos doces de panela, da igrejinha que soberaneia os povoados, do gosto do café coado, dos mistérios da vida simples sacudida pela natureza. Saber de chão, cantos na direção do céu, especiarias e invencionices do povo nosso de cada dia, ainda hoje vivas em vilarejos remotos e em outros nem tanto.

Pelas palavras acesas da Gabriela, fui memorando o gosto da presença deste Brasil encoberto, à beira do risco de sumir na escuridão de nefastos poderes.

Conseguem, não. Passa tempo e temporada, passa boi, passa boiada, e nossa gente permanece maior e mais sonora, com suas reverências e seu conhecer enraizado nas proezas herdadas dos longínquos habitantes de nossas terras. Tudo isso ainda é. E precisa de olhos que possam ver, amorosos e cheios de curiosidade, a pinçar preciosos indícios de humanidade e transformá-los cuidadosamente em poesia eloquente. Ao som dos sinos e das vozes das mulheres e dos cantadores, das violas pungentes. Afinal, o Brasil resiste. As histórias contadas aqui sulcam caminhos dentro dessa resistência, como o varal de roupas coloridas que emoldura cada moradia dos nossos campos, testemunhando a eterna possível integração entre as pessoas, seus fazeres, as paisagens, o ar e a terra, as águas e a seca, o verão e a primavera, o dia e a noite. Em harmonia.

Escutei de um cantador estes versos do poeta popular paraibano Pinto de Monteiro:

*Eu comparo esta vida
À curva da letra S:
Tem uma ponta que sobe
Tem outra ponta que desce
E a volta que dá no meio
Nem todo mundo conhece.*

É dessa linda sabedoria que trata o narrar de Gabriela Romeu, também traçado no bordado inspirado por um S que insinua muitas cadências dessa letra, até a de um S deitado, a do infinito.

Mesmo sem terem me pedido, aconselho que vocês busquem um jardim — se os passarinhos vierem, melhor será —, sentem-se numa cadeira bem confortável com um guarda-chuva ao lado e aventurem-se na leitura deste livro. Se então acontecer algum milagre, qualquer um, está tudo bem: é porque o sertão é mesmo dentro da gente.

* Regina Machado

Narradora de histórias, livre-docente
da Escola de Comunicação e Artes da
Universidade de São Paulo (ECA-USP).



sta história aconteceu durante sete dias de tempestade, entre duas rezas e mandingas, um bocado de verso rimado, outro tanto de encantaria e cantoria e uma travessia envolvendo duas irmãs gêmeas benzedeiras e todo o povo de Tururu do Sul, vilarejo onde a hora era anunciada pelo sino da igreja à tardinha. Foi do alto da torre, entre o badalar cansado do tempo, que o vento sussurrou tudo o que vou contar.

Feliciano e Damiana, as irmãs de Tururu do Sul, moravam cada uma numa casinha num canto dessa cidade que nascia e morria nas curvas de um rio correndo solto em “S”. O povo de Tururu dizia que o “S” não era de Sul, não.

Na pequena cidade, as mulheres criavam sozinhas seus filhos, nas beiradas do rio, pois os pescadores partiram depois que peixes não mais brotavam naquelas águas. Assim, elas diziam que viviam de plantar saudade e colher solidão. Sempre que alguém partia, um relógio parava de funcionar em algum canto.

Há tempos eles já não batiam mais por lá.



Feliciano e Damiana foram criadas entre milagres, garrafadas, rezas e benzeduras. Sabiam a receita para bode voltar a berrar, criança desembestar a falar, alma penada dar sossego. Rezavam quando a passarinhada desregulava o acordar da manhã. Faziam o encanto certo para o rio reinar majestoso. Benzião menino que não nadava nem depois de engolir piaba colhida com peneira em alguma beirada d'água.

Herdaram o dom dos dons: fazer chover no sertão.
Eram as irmãs da chuva, bem assim o povo dizia.



No entanto, o pedido de chuva benfazeja só funcionava direito quando as duas cantarolavam juntinhas, no alto do cruzeiro de Tururu do Sul. Sempre algo de espantar acontecia quando uma cantava ou versava sem a outra.





Damiana tinha todos os versos na cabeça. Feliciano sabia o tom das cantorias. Damiana jogava o primeiro verso, e Feliciano ajustava a canção. Quando uma esquecia um trecho, a outra completava. E a reza feito cantoria funcionava.



Certo dia, Feliciano acordou com saudade da chuva.
— Ô, dó; ô, dozinha — suspirou.

Da janela, viu as moças passarem apressadas pelas ruas de Tururu do Sul protegendo-se de um sol soberano com sombrinhas nas cores laranja escaldante, cor-de-rosa apaixonado, azul abafado, roxo quase-noite e verde sorridente.

Uma beleza só aquele tanto de cor pintando o sertão.





Feliciano se pôs a cantar na janela,
lembrando São Sebastião.

*Meu São Sebastião,
Padroeiro do lugar;
Meu São Sebastião,
Padroeiro do lugar,*

*Abaixai esta bandeira,
Deixa a chuva derramar;
Abaixai esta bandeira,
Deixa a chuva derramar.*

*Eu vi o solo gemer
E a Lua suspirar.
Ó, meu Deus; ó, meu Deus,
Olha a seca como está.*

*Oferecemos este bendito
Pra meu São Sebastião.
Vai mandar chuva na terra,
Socorrei nosso sertão.*

